

O JORNALISMO DE DADOS COMO ESTRATÉGIA PARA O RESGATE DA CREDIBILIDADE JORNALÍSTICA

DATA JOURNALISM AS A STRATEGY TO RESCUE NEWS CREDIBILITY

Kátia Kelvis CASSIANO¹

Ícaro Gonçalves dos SANTOS²

Universidade Federal de Goiás | Brasil

Resumo

Nos últimos anos, recortes de ataques a jornalistas e veículos da imprensa registrados em diferentes relatórios de entidades representativas suscitam um contexto de descredibilização das instituições jornalísticas, que se agrava em meio às redes sociais digitais e a circulação de *fake news*. O presente trabalho apresenta uma discussão sobre como o Jornalismo de Dados, campo relativamente novo, tem o potencial de contribuir para a revitalização da credibilidade jornalística. Por meio de revisão bibliográfica, são apresentados argumentos que destacam os benefícios do uso de elementos gráficos, análise e visualização de dados na construção de confiança do cidadão-leitor e na percepção de veracidade no que é noticiado.

Palavras-chave

Jornalismo de Dados; Credibilidade jornalística; *Fake News*; Pós-verdade; Análise de dados.

Abstract

In recent years, journalistic institutions are going through a serious crisis of credibility, with records of attacks against journalists and press vehicles being registered in different reports of representative entities. The context of discrediting is aggravated by digital social networks and the circulation of fake news, which emulate journalistic work to spread lies. The present work raises questions related to Data Journalism and how this relatively new field has the potential to contribute to the revitalization of journalistic credibility. With a bibliographic review, arguments are presented that highlight the beneficial role of graphics and visualizations in building citizen-reader confidence and in the perception of veracity in what is reported.

Keywords

Data Journalism; News credibility; Fake News; Post-truth; Data analysis.

RECEBIDO EM 19 DE JUNHO DE 2023
ACEITO EM 21 DE NOVEMBRO DE 2023

¹ Professora Adjunta do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás (PPGCOM-UFG). Doutora em Engenharia de Sistemas e Computação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (2017). Mestra em Engenharia Biomédica pela UFRJ (2010). E-mail: katiakelvis@ufg.br.

² Mestre em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás (PPGCOM-UFG). Jornalista pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). E-mail: icarogon1@gmail.com.



Introdução³

O jornalismo, como um campo social e profissional voltado à produção noticiosa e de grande importância para funcionamento da democracia, sofreu ao longo dos anos perda parcial de sua credibilidade. Tal fenômeno está relacionado ao crescimento no número de ataques à imprensa e a profissionais do campo jornalístico, engendrados especialmente por atores políticos que utilizam de apelos a emoções e ideologias para manipulação da opinião pública, configurando um contexto denominado por Keyes (2018) por “era da pós-verdade”.

Este cenário de ofensiva é composto por ataques a profissionais da imprensa e tem sido registrado em diferentes relatórios. É o caso do relatório Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil, produzido pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj); do Relatório de Violações à Liberdade de Expressão, produzido anualmente pela Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert); além do balanço de ataques contra a imprensa produzido pela ONG internacional Repórteres Sem Fronteiras (RSF).

No documento produzido pela Fenaj, a entidade afirma que 2021 “foi o [ano] mais violento para os jornalistas brasileiros, desde o começo da série histórica dos registros dos ataques à liberdade de imprensa, iniciada na década de 1990”. Em 2019, o relatório compilou um total de 208 ataques sofridos, dos quais 114 (54,8%) foram atos de descredibilização. Até aquele ano, nenhum relatório desde 1990 havia

³O artigo contempla uma versão revisada e ampliada de trechos da dissertação de mestrado intitulada “O Jornalismo de Dados e a credibilidade jornalística: estudo de caso sobre o núcleo Deltafolha, do jornal Folha De São Paulo”, de autoria do coautor sob orientação da autora, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás (PPGCOM-UFG).

O JORNALISMO DE DADOS COMO ESTRATÉGIA PARA O RESGATE DA CREDIBILIDADE JORNALÍSTICA

registrado mais de 200 ataques anuais. Em 2020, foram registrados 428 ataques, sendo 152 (35,5%) casos de descredibilização, e em 2021 foram 430 ataques, com 131 (30,4%) de descredibilização.

Já o relatório da Abert compila, além de ataques presenciais, casos desenvolvidos a partir das interações nas redes sociais, onde o número cresce exponencialmente. Segundo o documento referente a 2020, naquele ano foram registrados 42 milhões de publicações (*Twitter*, *Facebook*, ou em perfis abertos do *Instagram*) que citavam as palavras “jornalismo”, “mídia”, “jornalista” ou “imprensa”. Destas publicações, pelo menos 2,9 milhões foram ataques contra o jornalismo e seus profissionais, com palavras de baixo calão, expressões pejorativas e depreciativas. O quantitativo representou 7,9 mil ataques virtuais por dia, 331 por hora, e quase seis ataques ao jornalismo brasileiro a cada minuto.

Canalhas, escória, lixo, ratazanas... Estes e outros termos pejorativos foram usados, durante todo o ano de 2020, para depreciar a atuação da imprensa. Proferir palavras de baixo calão, xingar e até mesmo colocar em xeque o caráter e a credibilidade de profissionais da comunicação ganharam ainda mais força nas coberturas presenciais (ABERJ, 2021, p. 37).

Paralelamente ao aumento da violência, observa-se um aumento na circulação de informações falsas em meio às redes sociais digitais, comumente chamadas de *fake news*, que imitam o estilo de redação jornalística e emulam a autoridade deste campo perante a população. Tais processos são sintomáticos do contexto de banalização do valor de verdade do jornalismo, ou seja, do predicado correspondente à sua capacidade de construir conhecimento baseado na evidência, na verossimilhança (Charaudeau, 2019).

Apesar desses efeitos deletérios, os agentes do campo jornalístico não podem ser considerados inertes frente aos problemas relacionados à crise da credibilidade. Diversas formas de se defender contra as pós-verdades e as *fake news* e de reavivar a credibilidade têm sido discutidas,

Kátia Kelvis **CASSIANO**
Ícaro Gonçalves dos **SANTOS**

tanto pela área acadêmica quanto pela área profissional, dentre as quais se destacam os debates sobre o Jornalismo de Dados.

O que é o Jornalismo de Dados

No que tange à definição de jornalismo de dados, pode-se observar a existência e uso de três termos da literatura estrangeira sobre o tema, sendo eles: *data journalism*, *data-driven journalism* e *database journalism*, que em tradução livre podem ser lidos como Jornalismo de Dados, Jornalismo Guiado por Dados e Jornalismo de Base de Dados, respectivamente, sendo os dois primeiros os mais usados. Para Träsel (2014), à época de seu estudo, inexistia bibliografia e discussão sistemática sobre as diferenças conceituais entre os termos, de forma que jornalistas dessa área e até alguns pesquisadores os usavam como sinônimos. Mais recentemente, Ribeiro *et al.* (2018, p. 65) esclarece que o *data journalism* estaria ligado ao uso de dados como apoio às reportagens, enquanto o *data-driven journalism* pressupõe “os dados como elementos centrais nas narrativas, ou seja, são definidores do fluxo do trabalho jornalístico”. Nesse caso, o foco estaria, portanto, no ‘contar’ ou ‘narrar os dados’.

Já no *database journalism* a centralidade deixaria de ser a narrativa para radicalizar o enfoque às bases de dados. Para Martinho (2014 *apud* Ribeiro *et al.*, 2018, p. 65), o *database journalism* se utiliza das bases de dados como elementos essenciais capazes de “disponibilizar produtos em formatos que tradicionalmente não estão ligados às práticas jornalísticas, por exemplo, simuladores com atualizações em tempo real, filtros de dados dinâmicos, etc”.

Embora existam diferenças na gênese e na justificação de cada termo, os princípios produtivos que perpassam o fazer jornalístico nos três conceitos são os mesmos, sendo preferível o uso do conceito em sua forma mais simplificada: Jornalismo de Dados.

O Jornalismo de Dados compreende um conjunto de processos produtivos no qual o jornalista se baseia em dados para gerar informações, sendo entendido, portanto, como uma forma potencialmente mais confiável de transmitir informação, no âmbito do público receptor. Conforme aponta Vasconcellos (2014, p. 7), os novos procedimentos e técnicas para redação de matérias jornalísticas pautadas em dados abertos “ajudou os jornalistas a aprimorarem o seu próprio conhecimento acerca da realidade social e política, reduzindo a dependência de fontes externas ao processo de produção e análise da informação”.

Träsel (2014, p. 106) compreende o Jornalismo de Dados como sendo o gênero jornalístico que reúne “diversas práticas profissionais, cujo ponto em comum é o uso de bases de dados como principal fonte de informação para a produção de notícias”. Em suas rotinas é comum o uso de “técnicas de visualização de dados e infográficos, criação e manutenção de bases de dados e política de acesso à informação e transparência pública de governos” (Träsel, 2014, p. 107).

Para Vasconcellos (2014), já é possível aos profissionais e cientistas que estudam essa área definir o perfil de atuação e algumas rotinas produtivas. O autor afirma que entre as características do Jornalismo de Dados estão o emprego de técnicas de busca e de análise de dados com o objetivo de:

transformá-los em notícia e apresentá-los na *web* com o uso de recursos que podem ser fatores decisivos na disseminação do conhecimento produzido, bem como de redução do esforço cognitivo necessário que o cidadão deve empreender para compreender a mensagem (Vasconcellos, 2014, p. 7-8).

Kátia Kelvis **CASSIANO**
Ícaro Gonçalves dos **SANTOS**

Embora possam ter variações no que tange à definição do processo de produção do Jornalismo de Dados, as etapas se apresentam de forma geral como: a) coleta de dados ou informações numéricas existentes em planilhas e documentos virtuais em meio à *web*; b) organização e padronização desses dados com uso de *softwares*; c) contextualização e interpretação dos dados com uso de métodos e técnicas de análise estatística, a fim de se encontrar os fatos relevantes à opinião pública; d) combinação dos dados analisados com outras bases e a apresentação dos resultados na forma de reportagens, notícias ou demais formatos jornalísticos, explorando o uso de infográficos e outros elementos gráficos (Vasconcellos, 2014).

Neste sentido, o jornalista que se especializa nessa área, adquirindo a alcunha de jornalista de dados, lida de forma recorrente com o cruzamento de informações em planilhas que, por vezes, apresentam quantidade elevada de dados. Para isso, os profissionais utilizam computadores e *softwares* específicos para análise de dados, explorando as potencialidades hipermediáticas.

Para Bounegru (2012), o primeiro esforço no sentido de conceituar o termo Jornalismo de Dados ocorreu em 2006 pelo programador Adrian Holovaty, a partir da recomendação do uso de técnicas de gerenciamento de bases de dados nas redações como forma de possibilitar o reaproveitamento de informações coletadas e apuradas no dia a dia dos jornalistas. Ou seja, propôs que os jornalistas implementassem em suas rotinas a criação de bases de dados estruturados sobre os assuntos noticiados. “Esses dados livres, armazenados em bases, poderiam ser posteriormente agregados, cruzados, analisados e transformados em visualizações gráficas” (Träsel, 2014, p. 110).

O autor ainda cita como exemplo hipotético o caso de repórteres que geralmente cobrem temas ligados a crimes ou acidentes, comuns em editoriais de assuntos gerais. Os profissionais poderiam iniciar a construção de um banco de dados no qual sejam compiladas informações sobre os incêndios na cidade, registrando o dia, local, número de vítimas, causa dos incidentes conforme perícia, idade dos imóveis incendiados, entre outros fatos relevantes. Esses dados seriam reunidos ao longo dos meses, até que:

A partir de uma determinada quantidade de registros, algumas tendências poderiam começar a ser percebidas. Por exemplo, ao filtrar e classificar as causas de incêndios e cruzá-las com a idade média dos prédios atingidos, o repórter poderia perceber que após um certo limite de idade podem começar a ocorrer falhas elétricas. De posse desta informação, o repórter poderia então realizar uma reportagem a respeito da prevenção deste tipo de falha, acompanhada de visualizações gráficas sobre as causas mais frequentes de sinistros na série histórica disponível em seus registros (Holovaty, 2006 *apud* Träsel, 2014, p. 110).

Posteriormente, em 2011, Bradshaw (2011) define o processo do Jornalismo de Dados a partir de cinco etapas, quais sejam: a) compilação; b) limpeza; c) contextualização; d) combinação; e) comunicação.

A primeira etapa, a de compilação, Bradshaw (2011) explica ser o processo de coleta de dados, o qual pode ser feito pelo próprio jornalista construindo uma base de dados a partir de questionários, investigação de documentos ou de forma automatizada na *web* usando técnicas de *webscraping*. As bases também podem ser fornecidas por terceiros, como por instituições públicas ou privadas, organizações dedicadas à pesquisa, entre outros casos. Com uma ou mais bases de dados em mãos, o jornalista pode iniciar sua investigação, identificar relações e tendências e, de certa forma, ampliar a compreensão sobre algo.

A etapa de limpeza diz respeito à eliminação de possíveis erros humanos e a padronização da descrição dos dados. O jornalista deve se certificar de que não existam erros nos dados que possam comprometer a

Kátia Kelvis **CASSIANO**
Ícaro Gonçalves dos **SANTOS**

análise além, é claro, da confiança no que for noticiado. Para Träsel (2014, p. 112) “trata-se de um processo análogo ao da checagem durante a edição de uma reportagem tradicional, em termos de sua função na rotina produtiva”. É necessário também dispor as bases de dados em formatos de arquivos padronizados (CSV, XLSX, por exemplo), de forma a possibilitar posteriores combinações.

A terceira etapa é a contextualização, cujo objetivo é analisar o grau de confiança que os dados expressam, assim como aplicar o “faro noticioso” a fim de se encontrar informações com valor-notícia. Ou seja, nessa etapa o jornalista busca identificar o que é relevante para se tornar notícia. Conforme apontado por Bradshaw (2011), uma base de dados dificilmente apresentará conteúdo informativo relevante por si só. Muitas vezes, seu potencial noticioso se revela quando for contrastada com outras fontes de dados de forma contextualizada. Como exemplifica Bradshaw (2011):

Saber o número de crimes numa cidade é interessante, mas só se torna significativo quando você o contextualiza comparando com a população, ou o número de policiais, ou os níveis de criminalidade de 5 anos atrás, ou a percepção de criminalidade, ou níveis de desemprego, e assim por diante. (Bradshaw, 2011a, s.p.)

E em se tratando de base de dados, aplicar o “faro noticioso” significa que o jornalista deverá recorrer a técnicas estatísticas para extrair uma ideia de pauta a partir dos dados, assim como empreender um processo analítico baseado em interpretações de padrões e experiências pretéritas.

A quarta etapa, chamada por Bradshaw (2011) de combinação, é considerada a parte final da apuração sobre os dados. É quando o jornalista irá combinar a base de dados em análise com outra ou outras que possuam dimensões compartilhadas. *Softwares* capazes de analisar planilhas com milhares, por vezes milhões de linhas de dados

O JORNALISMO DE DADOS COMO ESTRATÉGIA PARA O RESGATE DA CREDIBILIDADE JORNALÍSTICA

estruturados, possibilitam o cruzamento e a descoberta de padrões, tendências e relações. A apresentação dinâmica por meio de formatos variados, permite uma experiência completa e interativa pelo cidadão-leitor.

No exemplo acima, apresentado por Bradshaw (2011a), sobre o número de crimes em uma cidade, o jornalista poderia compilar esses números em todos os municípios de um estado e, posteriormente, combiná-los com outra base de dados que apresente a população total de cada um. Assim, seria possível inferir quais os municípios com maior taxa de crimes proporcionalmente à sua população.

Por fim, é essencial no Jornalismo de Dados apresentar as informações resultantes de forma compreensível ao leitor, o que é feito na etapa nomeada de comunicação. Assim como nos formatos jornalísticos tradicionais, haverá a apresentação das informações em uma narrativa textual, explorando não somente o consolidado modelo de pirâmide invertida, mas também narrativas mais modernas com uso de *storytelling*. Neste cenário específico, o diferencial é a apresentação dos dados analisados por meio de elementos gráficos, mapas e outros formatos de infografias.

É importante ressaltar que estes elementos irão influenciar a compreensão dos leitores sobre o que é noticiado e a construção de sentido sobre a informação. Como destacam Mancini e Vasconcelos (2016, p. 76), no Jornalismo de Dados “não são meros gráficos a ocupar um espaço na página, são gráficos que contam parte da história apresentada na página”.

Jornalismo de Dados na era da informação

As transformações paradigmáticas internas e externas ao jornalismo contribuíram para o delineamento do Jornalismo de Dados.

Kátia Kelvis **CASSIANO**
Ícaro Gonçalves dos **SANTOS**

Mais do que isso, esses processos criaram um contexto no qual o Jornalismo de Dados não só se fez possível, mas também necessário.

Isso porque as informações facilmente acessadas por meio da Internet, computadores e *smartphones*, ou as informações de órgãos públicos disponibilizadas pelos gestores, por si só não garantem cidadãos mais informados. Lupia e McCubbins (1998) avaliaram, ainda no final da década de 1990, que um dos grandes dilemas das democracias modernas é o fato de haver uma quantidade gigantesca de fontes de dados, mas, ao mesmo tempo, cidadãos pouco ou mal informados. Ou seja, apesar da abundância de dados - o fenômeno *Big Data* - não há compreensibilidade e tal situação agrega danos:

Sem saber o que as instituições e o poder político fazem ou deixam de fazer, restringimos e muito a nossa capacidade de tomar decisões, como a de punir políticos que não atendem às nossas expectativas, ou a de premiar aqueles que avaliamos positivamente. [...] A maneira pela qual ela [informação] está à disposição do cidadão e como ele pode se apropriar das informações afetam a sua capacidade de decisão em assuntos públicos. Em linhas gerais, e até com certo exagero, poderíamos dizer que a qualidade e a diversidade da informação produzida pelo jornalismo interferem direta ou indiretamente na relação entre representante e representado, espinha mestra da democracia tal qual a conhecemos (Vasconcellos, 2014, p. 4).

Em linhas gerais, a escassez de tempo que cidadãos dispõem em suas rotinas para se inteirar dos fatos que os cercam e o alto custo cognitivo que a interpretação de temas sociais complexos demanda, como política e economia, comprometem substancialmente a apropriação da informação. Neste sentido, o Jornalismo de Dados pode ser visto "como a área do jornalismo capaz de produzir atalhos informativos ao cidadão comum a partir de bases de dados que o ajudam a entender e a explicar a realidade política e social das democracias" (Vasconcellos, 2014, p. 7).

De certa forma, o Jornalismo de Dados nasceu e cresceu nos últimos anos especialmente por seu potencial de dispor aos cidadãos maior qualidade da informação - clara, precisa e checável - sendo

O JORNALISMO DE DADOS COMO ESTRATÉGIA PARA O RESGATE DA CREDIBILIDADE JORNALÍSTICA

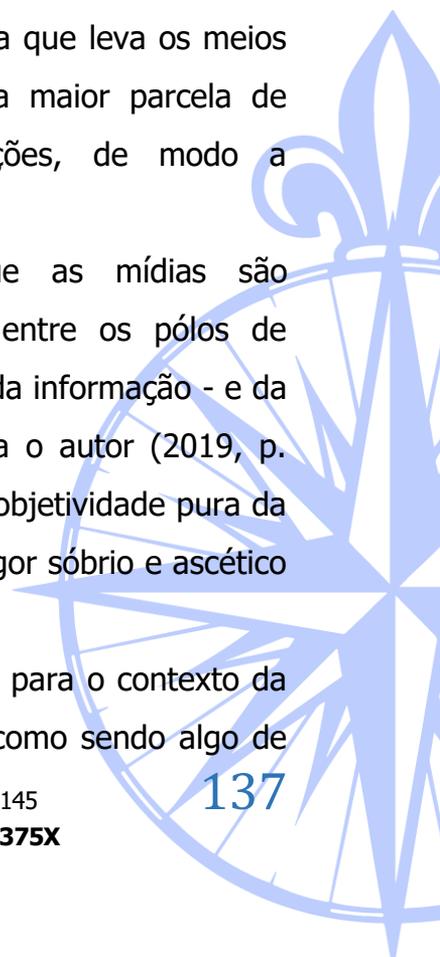
fundamental na execução da democracia representativa. A informação de qualidade, coletada em fontes confiáveis e não influenciada por interesses comerciais ou ideológicos, tem sido primordial para o *accountability* político - prestação de contas e transparência dos atos políticos. Neste sentido, a prática do Jornalismo de Dados se torna relevante na construção da democracia deliberativa e do capital simbólico de credibilidade das organizações que o produzem.

Um possível caminho: Jornalismo de Dados como forma de resgatar a credibilidade jornalística

O primeiro ponto no qual o Jornalismo de Dados se destaca é na capacidade das reportagens baseadas em dados transmitirem informações relevantes aliando o credível com o interessante e atrativo. Charaudeau (2019), ao falar do contrato de comunicação entre mídias e sociedade, destacou a visada de informação como elemento legitimador da imprensa, que ajuda no processo de conquista de credibilidade. Mas o autor também deixa claro a existência da visada da captação, aquela que leva os meios de comunicação a criarem estratégias para atrair a maior parcela de público possível, fazendo sutis apelos às emoções, de modo a desencadear interesse pela informação.

Ou seja, Charaudeau (2019) entende que as mídias são atravessadas continuamente por uma contradição entre os pólos de credibilidade - baseada na austeridade racionalizante da informação - e da captação, baseada na imaginação dramatizante. Para o autor (2019, p. 93), não faz sentido levar a eterna discussão sobre a objetividade pura da informação, pois, “uma mídia que só satisfizesse ao rigor sóbrio e ascético do fazer saber estaria condenada a desaparecer”.

Em sentido próximo, mas trazendo a discussão para o contexto da pós-verdade, D’Ancona (2018) entende o fenômeno como sendo algo de



Kátia Kelvis **CASSIANO**
Ícaro Gonçalves dos **SANTOS**

ordem emocional, de forma que seria inútil tentar combatê-lo a partir da frieza objetiva dos dados verificados ou das estatísticas, por mais factuais que sejam. Nas palavras do autor (2018, p. 110), “é um erro comum confundir dados com verdade: os primeiros permeiam o último, mas não são a mesma coisa”.

Nas circunstâncias corretas, uma mentira pode ser derrotada pela aplicação habilidosa dos fatos. No entanto, a pós-verdade é, acima de tudo, um fenômeno emocional. Diz respeito à nossa atitude em relação à verdade, e não à própria verdade. A partir disso, deveria ficar claro que o contra-ataque tem de ser emocionalmente inteligente e também rigorosamente racional (D’Ancona, 2018, p. 110-111).

Dessa forma, D’Ancona (2018) deixa claro àqueles que se responsabilizam pela comunicação dos fatos e transmissão de conhecimento a necessidade de se adaptar aos imperativos emocionais e racionais das sociedades contemporâneas, uma vez que a verificação rotineira e a defesa de ideias puramente intelectuais já não surtem efeito. Defender a verdade factual como remédio para a “doença cognitiva de nosso tempo” exige uma entrega que se adapte ao contexto, que conquiste a atenção e, com isso, a torne apta a de fato ser consumida e compreendida.

É nesse ponto que a produção de Jornalismo de Dados pode se distinguir dos modelos tradicionais de fazer jornalismo, nos quais o apelo a uma objetividade e a imparcialidade foram, no passado, suficientes para construir a percepção de credibilidade. A análise criteriosa de dados garante o respaldo necessário nos fatos. Por sua vez, o uso de elementos visuais possibilita uma entrega atrativa e cativante, o que é dificilmente alcançável pela transmissão unicamente textual da informação.

Como destacam Mancini e Vasconcellos (2017), o Jornalismo de Dados vai além das dimensões investigativa e interpretativa da informação. Perpassa a coleta, a discussão e criação de relações entre os

O JORNALISMO DE DADOS COMO ESTRATÉGIA PARA O RESGATE DA CREDIBILIDADE JORNALÍSTICA

dados, mas ganha maior sentido na sua dimensão comunicativa, onde o jornalista procede com a “escolha dos gráficos, cores, seleção de ícones, montagem de infográficos e elaboração de demais elementos presentes na parte de visualização da reportagem” (Gulich; Siqueira, 2018, p. 4).

Essa capacidade de impacto sensorial e emocional das visualizações é de grande importância para o Jornalismo de Dados, uma vez que, como destacam Paschoarelli, Campos e Santos (2015 *apud* Gullich; Siqueira, 2018), a estética “não afeta apenas a percepção visual, mas também pode proporcionar a sensação de prazer, conforto, bem-estar, alegria e satisfação”. O despertar dessas sensações guiam a leitura, tornando o leitor apto não só a compreender o que é descrito, mas também a recepcionar o conteúdo com uma experiência mais agradável, o que pode beneficiar a criação de vínculos de confiança.

Outro ponto em defesa da produção do Jornalismo de Dados está relacionado à sua proximidade com os métodos e com a transparência científica e, portanto, da confiança instituída na ciência. As bases do Jornalismo de Dados residem na vertente Jornalismo de Precisão, pensado por Phillip Meyer (2002) como uma proposta para aproximar as estratégias de elaboração noticiosa dos métodos científicos. Dessa forma, a informação poderia ganhar autoridade por ser elaborada a partir de um ferramental metodológico que se aproximasse da ciência e se afastasse do senso comum.

A questão do jornalismo como atividade localizada entre o senso comum e a ciência foi discutida por Park (1976), entendendo serem as notícias formas de conhecimento enquadradas no *continuum* entre o “conhecimento de” e o “conhecimento acerca de”. O primeiro diz respeito a conhecimentos que os seres adquirem através do contato habitual com o mundo circundante e das experiências individuais, um conhecimento pouco articulado e pouco comunicável. O segundo está relacionado a

Kátia Kelvis **CASSIANO**
Ícaro Gonçalves dos **SANTOS**

conhecimentos formais e analíticos, baseados na observação sistemática e rotulada das coisas, sendo também mais comunicável e inteligível.

Para Park (1976), as notícias produzidas pelos jornalistas a partir de seus rituais deontológicos se aproximam do “conhecimento acerca de”, mais especificamente do conhecimento construído pela História, mas sem de fato ser história. Isso porque, na visão do autor, o conhecimento jornalístico trata-se de algo altamente perecível e que aborda somente acontecimentos isolados, sem relacioná-los uns aos outros.

A notícia não é História e seus fatos não são fatos históricos. Não é História porque, em primeiro lugar, se refere, em conjunto, a acontecimentos isolados e não procura relacioná-los uns aos outros nem como sequências causais nem como sequências teleológicas. A História não só descreve os acontecimentos, mas também procura colocá-los no lugar que lhes cabe na sucessão histórica e, fazendo-o, descobrir as tendências e forças subjacentes que neles encontram expressão (Park, 1976, p. 174).

Ou seja, o jornalismo tradicional já era entendido por Park na década de 1970 como uma forma de transmissão dos fatos que construía um conhecimento que ainda resguardava certa distância da ciência. Com o desenvolvimento do Jornalismo de Precisão e as evoluções posteriores até a emergência do Jornalismo de Dados, essa distância pode ter sido encurtada.

Meyer (2002) considerou a utilização de metodologias das ciências sociais por parte do jornalismo como forma de obter maior veracidade e objetividade ao que é noticiado. Como relatado por Tuchman (1971), a preocupação com a objetividade é antiga no jornalismo, sendo usada como argumento contra as críticas e acusações de parcialidade. Geralmente as estratégias para essa objetividade envolvem a apresentação de opiniões e possibilidades conflitantes (expor ‘os dois lados’); o uso de provas auxiliares ou fatos suplementares; o uso rigoroso de aspas e a estruturação da informação numa sequência lógica, o *lead* (Tuchman, 1971).

Porém, tal objetividade é usada no jornalismo tradicional meramente de forma mecânica, como um “ritual estratégico”, bem explicado na frase “se todos os repórteres reunirem e estruturarem os ‘fatos’ de um modo descomprometido, imparcial e impessoal, os prazos serão respeitados e os processos de difamação evitados” (Tuchman, 1971, p. 77). O que aparenta ser novo com o Jornalismo de Dados é a busca por uma objetividade disciplinar, que busca consenso a partir do conhecimento científico gerado, ou seja, do “conhecimento acerca de” um fato.

Porter (1995 *apud* Träsel, 2014) explica a diferença entre esses tipos de objetividade. Para o autor, existem três tipos: absoluta, mecânica e disciplinar. A primeira se relaciona “à abstração filosófica da realidade como ela é”. A segunda diz respeito à “aplicação de procedimentos e condutas no desempenho de tarefas científicas ou profissionais”, enquanto a terceira “remete ao consenso a respeito de premissas e pressupostos dentro de uma comunidade científica”.

A objetividade disciplinar aparenta ser comum nos círculos fechados das comunidades científicas, com o alcance de consensos sobre novas descobertas. Porém, adaptá-la ao contato com o grande público, com a sociedade, público-alvo do jornalismo, foi considerado algo complexo demais para ser alcançado. A saída foi recorrer à objetividade mecânica, baseada na aplicação rotineira dos métodos (Träsel, 2014). Como resultado, no jornalismo tradicional impera as notícias baseadas nas declarações de fontes oficiais e na superficialidade informativa.

Retomando a discussão de Park (1976), o que o Jornalismo de Dados aparenta fazer é ir além da construção do conhecimento percível e da divulgação de acontecimentos isolados. Ele faz apelo à transparência dos métodos utilizados na coleta, limpeza e análise de dados como forma de recorrer a uma objetividade disciplinar capaz de proporcionar

Kátia Kelvis **CASSIANO**
Ícaro Gonçalves dos **SANTOS**

replicabilidade transpessoal, como forma de permitir a existência de uma verdade verificável. Mas também alcança um nível além, o da contextualização social da informação. Como relata Träsel (2014, p. 106), “as técnicas de pesquisa social e a aplicação da informática a bases de dados públicas podem fornecer os números necessários para estabelecer um consenso em relação aos fatos relatados e conferir credibilidade à reportagem”.

Por fim, cabe destacar mais um fator na prática do Jornalismo de Dados que pode beneficiar a credibilidade dos meios de comunicação, a saber, sua capacidade de promover o acesso à informação de interesse público proveniente de dados governamentais. Para Jamil (2019), a prática do jornalismo há muito é defendida como uma forma de investigar e informar a sociedade sobre questões de interesse público.

Esse aspecto, inclusive, já alçou o jornalismo a um status de *Quarto Poder* nas repúblicas ocidentais e posicionou os jornalistas como “cães de guarda/*watchdogs*” do interesse público. Essas ideias, que nas últimas décadas estão em decadência (Marcondes Filho, 2005), podem estar passando por um reavivamento com a difusão de técnicas computacionais para a construção de reportagens baseadas em dados públicos, promovendo a transparência, a vigilância e responsabilização governamental e a criação de políticas públicas.

Os jornalistas desempenham um papel crucial como *watchdogs* da democracia e o surgimento do jornalismo de dados tem um papel significativo a desempenhar nesse sentido, especialmente na reportagem e na investigação de questões de interesse público. O “papel de cão de guarda” também é ampliado, pois as possibilidades que os dados criam para manter o público informado sobre histórias importantes, permite investigações mais complexas usando dados numéricos e *softwares* (Jamil, 2019, p. 4, grifos do autor, tradução nossa).

Assim sendo, os jornalistas de dados são capazes de “transformar a avalanche de dados disponíveis publicamente em *insights* úteis que

O JORNALISMO DE DADOS COMO ESTRATÉGIA PARA O RESGATE DA CREDIBILIDADE JORNALÍSTICA

mobilizam a participação dos cidadãos no processo democrático” (Jamil, 2019, p. 16, tradução nossa), o que aparenta ter potencial de beneficiar a credibilidade dos agentes jornalísticos.

Considerações Finais

Conforme os debates levantados neste trabalho, o desafio que se impõe aos agentes do campo jornalístico é o de restabelecer a percepção de que o conteúdo noticioso produzido pelas redações se baseia em verdades factuais. O Jornalismo de Dados como campo relativamente bem definido, com práticas e preceitos próprios, possui potenciais para tal tarefa, a partir da criação de notícias e reportagens que trazem consigo a objetividade e a racionalidade da análise de dados, junto ao cativante apelo visual dos elementos visuais de variados tipos.

O caminho a ser percorrido deve ser o de construir uma nova base de legitimidade do trabalho jornalístico, com objetivo de resgatar a credibilidade, tão essencial à sociedade da informação.

Referências

BOUNEGRU, Liliana. Data Journalism in Perspective. In: GRAY et al. (orgs.). **The data journalism handbook**: how journalists can use data to improve the news. Sebastopol: O'Reilly, 2012. [Ebook].

BRADSHAW, Paul. 6 ways of communicating data journalism (the inverted pyramid of data journalism part 2). **Online Journalism Blog**, 13 jul. 2011b. Disponível em: <http://onlinejournalismblog.com/2011/07/13/the-inverted-pyramid-of-data-journalism-part-2-6-ways-of-communicating-data-journalism>. Acesso: 25 fev. 2023.

_____. The inverted pyramid of data journalism. **Online Journalism Blog**, 7 jul. 2011a. Disponível em: <http://onlinejournalismblog.com/2011/07/07/the-inverted-pyramid-of-data-journalism>. Acesso: 25 fev. 2023.

Kátia Kelvis **CASSIANO**

Ícaro Gonçalves dos **SANTOS**

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2. ed. Tradução Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2019.

D'ANCONA, M. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. 1. ed. Barueri: Faro Editorial, 2018. Tradução Carlos Szlak.

GULLICH, G.; SIQUEIRA, F. Jornalismo de dados: a importância da apresentação gráfica na interpretação dos dados. In: **Anais do VIII Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJOR)**. FIAM-FAAM / Anhembi Morumbi – São Paulo: SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2018.

JAMIL, S. Increasing Accountability Using Data Journalism: Challenges for the Pakistani Journalists. **Journalism Practice**, v. 15, n. 1, 2019. ISSN 1751-2794.

KEYES, Ralph. **Era da pós-verdade**: desonestidade e enganação na vida contemporânea. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

LUPIA, A.; MCCUBBINS, M. D. **The Democratic Dilemma**: Can Citizens Learn What They Need To Know? USA: Cambridge University Press, 1998.

MANCINI, Leonardo; VASCONCELLOS, Fábio. Jornalismo de Dados: conceito e categorias. **Revista Fronteira – estudos midiáticos**, vol. 18, n. 1, p. 69-82, 2016. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2016.181.07/5300>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

MEDEIROS, Ana B. **A reportagem com base na extração, análise e visualização de dados**. 2016. 275f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo). Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

MEYER, Philip. **Precision Journalism**: A Reporter's Introduction to Social Science Methods. 4. ed. Washington (USA): Rowman & Littlefield Publishers, 2002.

PARK, R. A notícia como forma de conhecimento. In: STEINBERG, C. (Ed.). **Meios de comunicação de massa**. São Paulo: Cultrix, 1976. p. 168–185.

O JORNALISMO DE DADOS COMO ESTRATÉGIA PARA O RESGATE DA
CREDIBILIDADE JORNALÍSTICA

RIBEIRO, A.; MARTIN, R. M.; JÚNIOR, J. L.; G., F. J. **Jornalismo de Dados: conceitos, rotas e estrutura produtiva**. 1. ed. Curitiba: Editora InterSaberes, 2018.

TRÄSEL, Marcelo. **Entrevistando planilhas: estudo das crenças e do ethos de um grupo de profissionais de jornalismo guiado por dados no Brasil**. 2014. Tese (Doutorado em Comunicação Social). Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

TRÄSEL, Marcelo; LISBOA, Sílvia; VINCIPROVA, Giulia. Pós-verdade e confiança no jornalismo: uma análise de indicadores de credibilidade em veículos brasileiros. **Brazilian Journalism Research**, vol. 15, n. 3, p. 452-473, 2019. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1211/pdf_1>. Acesso em: 10 jan. 2023.

TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson. (org.). **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. 2. ed. Tradução Luís Manuel Dionísio. Lisboa, Portugal: Vega, 1999, p. 74-90.

VASCONCELLOS, Fábio. Jornalismo Guiado por Dados e sua contribuição para a agenda pública no Brasil: Um estudo de caso sobre as publicações online do Globo e do Estadão. In: I Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo, 2014, São Paulo, SP. Anais... São Paulo: **Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo**, 2014.

